

“O Nome da Rosa” (ECO, Umberto): uma breve apreciação¹

“*The Name of the Rose*” (ECO, Umberto): a brief appreciation

Gabriel dos Santos Birkhann

Aluno do 6º período do curso de História do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: gbirkhannlegal@gmail.com

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record; Altaya, 1986, 562 p. (Coleção Mestres da Literatura Contemporânea)

Umberto Eco (1932-2016) foi um escritor, professor e filósofo italiano. Publicou pela Editora Bompiani sua *magnum opus*, o romance “Il Nome della Rosa”, em 1980, que logo foi traduzido para o português.

Em 1986, o livro foi adaptado para o cinema por Jean-Jacques Annaud, tendo como atores principais Sean Connery (Guilherme de Baskerville) e Christian Slater (Adso de Melk).

Imagem 1: Umberto Eco (Foto: Divulgação).



Fonte: <<http://vejasp.abril.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

O romance é formado pelo relato do monge beneditino Adso de Melk que, em sua velhice, conta-nos a história da viagem feita enquanto jovem noviço, com seu mentor, o frei franciscano Guilherme (no original, William) de Baskerville, a uma abadia (mosteiro) na Itália, durante a última semana de novembro de 1327.

O livro é estruturado em sete “capítulos” intitulados em relação ao dia em que se passa a história (“Primeiro Dia”, “Segundo Dia” etc.), sendo que cada capítulo compõe-se de partes que remetem à divisão do dia no mosteiro (guiado pela “Liturgia das Horas”, como *matinas, laudes, primeira, terceira* etc.).

¹ Analisar-se-á o romance, e o leitor desta resenha não encontrará *spoilers* do livro.

O grande desafio de Guilherme e Adso é desvendar os misteriosos crimes que ocorrem no local onde se encontram e que perturbam toda a rotina calma do lugar.

O próprio sobrenome Guilherme, “Baskerville”, remete ao autor de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle, que escreveu um romance policial protagonizado pelo detetive inglês, intitulado “O Cão dos Baskerville”.

A cada dia, durante os sete dias, eles são surpreendidos com enigmáticos assassinatos, que desafiam a inteligência da dupla que, em muitos sentidos, configura-se como uma clara referência, ainda que sob alterações, a Sherlock Holmes e Dr. Watson.

O élan de Umberto Eco em construir a narrativa é visível a partir do modo como ele articula diversos elementos (dísparos, em um primeiro momento) em um texto coeso, ágil.

O texto está cheio de referências culturais que o leitor desavisado pode não perceber, mas que estão lá, tais como menções a personagens reais como William/Guilherme de Occam, Bernardo Gui etc. Ou seja, o leitor, se conseguir imergir na obra, terá contato com boa parte do *Zeitgeist* do século XIV.

A belíssima construção da narrativa torna-se mais clara quando o leitor percebe a própria “Abadia” enquanto personagem, representando toda uma sociedade com seus pecados, medos, confissões e perdões.

Mas, de modo específico, é a “Biblioteca” o elemento central do enredo, o motivador dos acontecimentos. É a partir dela e em relação a ela que Guilherme e Adso agem. Pode-se inferir que, de fato, o protagonismo no romance é alternado entre a Biblioteca e a dupla detetivesca.

A própria motivação dos personagens, como parte elementar da constituição de “O Nome da Rosa”, é demonstrada pela tensão psicológica envolvendo não só os protagonistas, mas também todos os que, de algum modo, permeiam o espaço da Abadia.

Cada personagem, enquanto integrante de determinado contexto, é desenvolvido de modo que todos se tornem suspeitos, de tal sorte que seus respectivos passados são, volta e meia, integrados à trama principal como indícios de culpa.

Percebe-se, de certo modo, que o romance é fruto de uma articulação bem feita entre o ambiente, os personagens e os temas tratados, resultando em uma ótima trama, que não se perde, sendo o autor a “Ariadne” que conduz os fios da narrativa, não a deixando perdida no caminho.

Em relação aos temas, há outros que acontecem em conjunto com os misteriosos assassinatos, fazendo com que o romance possua outras tramas. Uma trama interessante é a que remete às discussões sobre a pobreza de Cristo/Igreja que permeavam o contexto medieval e as ordens religiosas.

Além de tudo, por se passar durante o período conhecido como “Papado de Avignon” (1309-1377), o romance pode possibilitar discussões sobre as disputas pelo poder religioso (temporal e espiritual) na Idade Média, entre outras.

O livro, aliás, pode servir para debates sobre o (verdadeiro e) controverso papado de João XXII, bastante criticado pelo frei franciscano Guilherme.

Acontece no livro (p. 341-342), inclusive, uma discussão entre alguns religiosos sobre a grave crise que seria aberta na Igreja se por ventura a posição desse Papa sobre “a visão beatífica dos justos depois da morte” tivesse sido aceita.

Essa controvérsia não foi somente ficcional, ela existiu de fato. Mais uma prova de que, quando a ficção conjuga-se com a realidade com maestria, o resultado não poderia ser nada menos que um ótimo texto.

Umberto Eco, neste livro, nos leva em uma “aventura” inesquecível. Ele permite ao leitor (que, na maioria das vezes, vive uma realidade cotidiana repetitiva) “viajar” por todo um universo cultural alheio ao seu, mas que nos incorpora – sendo bem construído como esse romance – de tal sorte que nos sentimos mesmo no século XIV.

Uma sensação de que se está fruindo de um grande romance, é o que este livro provoca. Uma vertigem, um comichão, um desejo de saber o que vai acontecer. Fruto da bela escrita de Eco, que caminha rumo a clímax aos moldes dos melhores artífices da palavra.

Qual tessitura Umberto Eco realizou no final? Para não estragar a surpresa, um consolo: o leitor que se dispor a mais uma aventura, saberá. E, com certeza, valerá a pena.

Em suma, “O Nome da Rosa” é um romance que deve ser lido e que, sobretudo, merece ter um lugar de destaque em nossa estante. *C'est fini*.

Referências

ECO, Umberto. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/umberto_eco/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 562 p.

Escritor Umberto Eco morre aos 84 anos. Disponível em:

<<http://vejasp.abril.com.br/materia/escritor-umberto-eco-morre-aos>>./>. Acesso em: 20 jul. 2016.